

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A. Dardo

Class.: 2134

Data: 19/11/91

Pg.: _____

O latifúndio dos ianomâmis

O presidente da República não foi fiel aos acontecimentos, ao declarar, no ato de demarcação da reserva dos ianomâmis, que o seu ato era produto de um consenso dentro do governo.

Este foi o trecho mais infeliz de um discurso nos jardins do palácio, incapaz de esconder o mau humor do ministro do Exército, que não aplaudiu a assinatura dos atos oficiais e tratou de ser o primeiro a se retirar do local, enquanto os favoráveis à criação do maior latifúndio improdutivo do mundo começavam a festejar o que parece não ter passado de uma capitulação à pressões internacionais.

Além de não haver consenso no governo federal em torno desse assunto, tampouco existe em nível regional. Os governadores do Amazonas e de Roraima foram radicalmente contrários à criação de uma reserva do tamanho três vezes o da Bélgica, em cujo solo e subsolo estão preciosos minerais, a exemplo do ouro, cassiterita, cobre, chumbo, zinco, diamantes e urânio.

Para dourar a pílula, o presidente anunciou o lançamento de um programa de desenvolvimento auto-sustentado dos estados amazônicos...

X
X X

Toda a polêmica em torno dos índios tem como motivo único a questão mineral. O Art. 231 da Constituição, que dispõe sobre a exploração de minerais em terras dos índios, ainda carece de regulamentação. No entanto, foi este dispositivo citado pelo presidente Collor por ocasião da demarcação das terras dos ianomâmis, remanescentes do período neolítico e que tampouco pediram qualquer demarcação, mesmo porque as diversas tribos de índios na Amazônia costumam cobrar uma percentagem sobre o valor dos minerais explorados em suas terras por diversas mineradoras nacionais ou multinacionais.

A demarcação foi um espetáculo para inglês ver. Tanto que o exótico secretário do Meio Ambiente, José Lutzenberger, que odeia falar a jornalistas brasileiros, estava com o melhor humor do planeta, ao conceder uma entrevista em inglês para a Radiobrás distribuir pelo resto do mundo.

Com a demarcação, o governo pensa que se livrou de pressões internacionais como a disposição de organizações não-governamentais não comparecerem à Eco-92, que se realizará no Rio de Janeiro e que vem sendo um conclave qualificado de um grande circo, pelo governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho, que, a despeito de posições polêmicas e ousadas, convenhamos, conhece mais a Amazônia do que antropólogos que nunca saíram da Vieira Souto, em Ipanema, mas

se prestam a inocentes, porém úteis, porta-vozes de grupos multinacionais, que agora podem se sentir à vontade para catequizar índios, enquanto operam instrumentos destinados à prospecção de minerais altamente estratégicos e constroem pistas clandestinas, que nem a ação conjunta das Forças Armadas com a Polícia Federal conseguiu acabar.

Após a dinamitação de algumas dessas pistas, logo em seguida os garimpeiros voltaram a construí-las. Só em 1988, 20 mil garimpeiros trabalhavam na área dos índios.

X
X X

Considerando-se que igual extensão de terras indígenas existe do lado da Venezuela, eis o grande risco para a soberania nacional, porque o correto seria a execução da demarcação dentro dos princípios colocados pelas Forças Armadas, ou seja, a manutenção de uma faixa de 20km em toda a fronteira entre o Brasil e a Venezuela, a fim de que fosse possível se estabelecer postos de controle, dentro da filosofia do Projeto Calha Norte.

É muito suspeito que setores tanto da Igreja Católica quanto de outras religiões tenham tamanho apetite sobre as terras da Floresta Amazônica e apresentem como pretexto, sempre, a defesa dos interesses dos índios ou a intocabilidade da flora e fauna da região. O desenvolvimento dito auto-sustentado, como está na moda falar-se, seria a combinação do extrativismo com a preservação do meio ambiente, mas o difícil é transformar em prática conceitos tão belos.

O pretexto de que os índios precisam de extensões monumentais de terra para se locomoverem peca pelo primarismo, porque, se este argumento tivesse alguma validade, certamente os americanos deveriam devolver Nova Iorque aos peles-vermelhas e o Brasil, que já foi habitado somente pelos silvícolas, teria que se despojar de todas as demais etnias, a fim de que os tupis, guaranis, tapuias e tamoiós remanescentes pudessem ocupar os espaços que ocupavam antes da chegada das caravelas de Pedro Álvares Cabral.

É cedo para se avaliar as conseqüências da demarcação de uma extensão de terra tão grande. Mas uma coisa é certa: os nove mil a 10 mil ianomâmis não serão capazes de conter a cobiça internacional sobre a riqueza mineral de sua reserva, como não foram capazes de expulsar os garimpeiros. A execução do Projeto Calha Norte de ocupação das fronteiras parece ser ainda a única solução de garantia de nossa integridade territorial, e jamais seremos uma Nação adulta nos deixando impressionar pelas pressões do exterior.